

FHC chama de coitados sem-terra que o vaiam

“São uns perdidos”, “um pequeno punhado de gente que não sabe o que fala”, atacou o presidente diante de 300 manifestantes

Porto Seguro — Os fantasmas dos 19 sem-terra mortos no Sul do Pará assombraram ontem a visita do presidente Fernando Henrique Cardoso a Porto Seguro (BA). Ele foi recebido no centro histórico da Cidade Alta sob as vaias de cerca de 300 manifestantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), sindicalistas, estudantes e índios pataxós.

O clima tenso fez com que o cerimonial reduzisse de oito para três os discursos previstos, abreviando as comemorações dos 496 anos de descobrimento do Brasil. Apenas Gal Costa, que cantou duas músicas, conseguiu acalmar o público de quase duas mil pessoas que assistia à solenidade.

Em seu pronunciamento, o presidente reagiu com raiva. “Não está na hora de explorar cadáveres. Está na hora, sim, de chorar cadáveres e im-

pedir que eles se repitam”, prosseguiu. “Está na hora, sim, de todos assumirem a responsabilidade e, ao invés de aproveitar episódios para jogar culpa em quem não tem, assumamos todos nós a culpa de não termos sabido conversar, de não termos sabido impor as necessidades desse povo.”

O presidente prometeu acelerar a reforma agrária, dando terra para os que trabalham e não para os que agitam. O clima da cerimônia continuava tenso. Representantes do MST, índios pataxós e estudantes estavam estratégicamente posicionados, à frente do presidente e da comitiva, com consentimento da segurança do Palácio do Planalto.

LENHA NA FOGUEIRA

Os manifestantes mal deixaram o presidente falar, levantando bandeiras do movimento e faixas contra o

seu governo, além de o vaiarem e gritarem palavras de ordem. Para tentar reverter a situação, Fernando Henrique acabou incitando mais os manifestantes, ao pedir que todos se unissem para dar “o mesmo grito que um punhadinho aqui grita: Justiça! Justiça no Brasil! Justiça e democracia!”

Despertou ainda mais a ira dos que protestavam, ao classificá-los, por duas vezes, como “coitados”, e referindo-se a eles como “um pequeno punhado de gente que não sabe o que fala”. Segundo o presidente, “são uns perdidos e não percebem que essa massa imensa de brasileiros hoje encontrou o seu rumo”. As vaias e slogans só cresciam.

Fernando Henrique prometeu acelerar a reforma agrária. “Nós queremos um Brasil onde todos encontram trabalho, onde a terra seja dada a quem nela vá trabalhar mas não a quem nela vá agitar”. E prosseguiu: “Dar terra a quem nela vá, com o suor do seu rosto, fazer a sustentação do seu filho, mas não àqueles que querem explorar a tragédia de uns poucos, em benefício de pequenos grupos políticos organizados.”